



RANDOLPHO LAMONIER. DA SÉRIE PROFECIAS. TÊXTEL (TÉCNICA MISTA SOBRE TECIDO E PLÁSTICO), 2018-2021

MEMÓRIAS DO FUTURO

O momento atual tem trazido vários desafios para a sociedade, como aqueles provocados pela eclosão da COVID-19 e os problemas e questões que a pandemia suscitou e ainda tem suscitado. Porém, este não é o único tema que tem chamado nossa atenção e provocado mudanças de hábitos, costumes, crenças, projetos, que já estão em curso há mais tempo, devido também a outros fatores, que envolvem transformações políticas, culturais, econômicas, sociais que têm desafiado a sociedade e a levado a buscar estratégias para se reinventar. O aumento da importância das novas tecnologias na nossa vida, sem dúvida intensificada ainda mais pela necessidade do distanciamento social, nossa imersão nas redes sociais, a questão da difusão das fake-news, os desafios trazidos com o avanço das pesquisas sobre inteligência artificial, os questionamentos sobre etnias, gênero e religião, os problemas do meio ambiente, a política, temas sociais e econômicos têm prenunciado um futuro de incertezas, não se tratando somente de uma questão local, mas mundial, apontando para a possibilidade de um futuro distópico.

Também a eclosão de guerras que temos presenciado, como a recente invasão da Ucrânia pela Rússia, vem evidenciar ainda mais que o período atual é de medo e instabilidade. Como podemos ficar impassíveis ao assistirmos diariamente à transmissão quase que em tempo real, de tragédias como o êxodo da população ucraniana e o extermínio de civis inocentes, além da desfiguração de cidades como Kiev, conhecida pela sua arquitetura religiosa, pelos monumentos seculares e museus de história?

Tudo isso traz reflexões que nos levam a pensar até mesmo que a humanidade está

deixando (ou já deixou) o Holoceno, e está entrando (ou já entrou) em uma nova era – o Antropoceno, na qual os humanos substituem a natureza, como força ambiental dominante na terra, pelas “construções humanas”. Estas questões nos levam também a ponderar sobre o que podemos esperar do futuro e como a humanidade vai efetivamente proceder diante de tantos desafios.

Na arte, por exemplo, temos visto artistas que respondem a tudo isto através de várias estratégias propositivas, como “profecias”, por meio das quais são abordadas mudanças políticas, culturais, econômicas, sociais, que eles, os artistas, gostariam de ver implementadas, mesmo que elas sejam somente produtos do seu desejo – formas de projetá-lo no futuro.

Ao propormos para este número da Revista da UFMG o tema Memórias do futuro, convidamos os autores a refletirem e apresentarem uma espécie de prospecção do que se apresenta para o futuro em vários setores da vida que têm sido diretamente afetados por tudo o que tem acontecido. As questões que se colocam abrangem desde o cotidiano das pessoas, novas formas de encarar o trabalho e o lazer, o estudo, as interações humanas, a sobrevivência, a arte e a cultura.

Ao ponderarmos sobre toda a complexidade do mundo que estamos vivenciando, podemos pensar no futuro como se o estivéssemos percebendo em retrospecto, ou seja, como se estivéssemos no futuro, olhando para o passado. Trata-se, pois, de uma abordagem da memória do ponto de vista cultural, na medida em que ela não deve ser entendida como uma fixação patológica com o passado, mas como um back-up, uma espécie de bagagem necessária para que a sociedade construa seu futuro, ou seja, uma memória inspecionada criticamente. Por assim dizer a memória cultural está sempre direcionada para o futuro, lembrando para frente (ASSMANN, A. Canon and Archive. In ERLI; NÜNNING, 2008).

Este número da Revista da UFMG é, pois, o resultado de uma proposta feita a todos/todas para refletirem sobre o futuro a partir das narrativas do passado, já que

“a memória funciona no aqui e agora” como “uma linha de tempo entre passado e futuro” (TAYLOR, 2013, p. 129).

E os diferentes olhares aqui apresentados se dão de várias maneiras: através do otimismo, da esperança, ou ao contrário, através da incerteza, do pessimismo, da alegria ou da tristeza, ou até mesmo por tudo isso, já que as emoções humanas não são excludentes.

O desafio foi lançado para se pensar, escrever, ou seja, se expressar a partir desta nova perspectiva, com proposições diversas, refletindo, também, sobre a possibilidade da construção de outros futuros, e obteve uma diversificada resposta. Apresentamos, a seguir, diferentes abordagens do assunto, a partir de vários pontos de vista, abrangendo os seguintes temas: filosofia/utopia; arte/imagem; memória/ história/patrimônio; urbanismo; música e educação. Trata-se, pois, de artigos e obras que abrangem uma vasta gama de propostas, que se inserem na vocação inter e transdisciplinar da Revista da UFMG.

Agradecemos a participação dos autores e autoras que integram este número da Revista, e que, com suas imagens e textos contribuem para a visão ampla e abrangente aqui mostrada, com destaque para os convidados: João Antônio de Paula, Maurício Andrés Ribeiro, João Diniz, Francesco Napoli, Yacy-Ara Froner, Stefania Paiva, Frederico Moraes e os artistas Fernanda Fernandes, Randolpho Lamonier, Sara não tem nome, h.henras e Daniel Protzner. Agradecemos, ainda, aos pareceristas, que muito contribuíram para o resultado da Revista.

A seção Filosofia/Utopia tem início com o artigo de João Antônio de Paula, Memória do futuro, onde o autor propõe uma discussão na qual é questionado se haverá futuro, a partir do empirismo de David Hume. O artigo especula sobre as determinações histórico-sociais da tragédia global em curso, oferecendo uma resposta alternativa, esperançosa e crítica, através de uma releitura do marxismo.

Em seguida, Maurício Andrés Ribeiro apresenta um texto ficcional, Seis cenários para a grande transição de eras, escrito em 2119, que descreve como o mundo teria evoluído a partir da pandemia que se iniciou em 2019, apresentando a grande transição ocorrida desde então, assim como as mutações humanas que aconteceram. Ele propõe seis cenários que foram, supostamente, trilhados desde então: a era ecozoica, a era tecnozoica, a era cosmozoica, a era subjetiva, a era noológica e a era espiritual.

Já no artigo O futuro da morte e a biopotência, Andityas Soares de Moura Costa Matos reflete sobre o sentido da morte a partir de uma perspectiva biopolítica, apontando algumas modificações no regime de sua percepção contemporânea e que poderá ser experimentado no futuro como “privatização da morte”. Propõe a ideia de biopotência, a fim de reconfigurar nossas formas de vida, com o objetivo de evitar o desastre sem precedentes causado a partir da captura da morte por parte do discurso e das práticas econômicas neoliberais.

No ensaio Epistemologia da pandemia – século XXI: o fim do sono e a intensificação do fascismo, Fernando Lionel Quiroga pensa no futuro das sociedades contemporâneas a partir da pandemia de COVID-19. Ele desenvolve uma epistemologia da pandemia, a partir do caráter de hiperconectividade e pressão do desempenho, e suas consequências sociais, como a falência do sono enquanto elemento constitutivo da cultura e da civilização. Finalmente, propõe a hipótese que compreende uma linha tênue entre o fim do sono e o recrudescimento do fascismo.

Em Porvir, ter sido e atualidade: a temporalidade como marca fundamental da possibilidade no horizonte da pandemia, Antônio Lúcio Túlio de Oliveira Barbosa reflete sobre o futuro no horizonte contemporâneo, abatido pelo corona vírus, a partir da descrição fenomenológica-existencial de Martin Heidegger, na obra Ser e Tempo. Barbosa reflete sobre o poder-se do homem, retomando, em seguida, o ter sido na temporalidade recente da história econômico-social brasileira, propondo que o futuro exige a desobstrução das camadas sedimentadas pelos discursos impensados do passado.

A seção Arte/Imagens introduz o ensaio composto por texto e fotografias de João Diniz, FUTUROGRAFIA diário do porvir, no qual o autor traz, na forma de um diário escrito durante a pandemia, reflexões sobre diferentes temas como: tempo, espaço, natureza, espera, o outro, fogo/ar/terra/água/sol, treva/ausência/vácuo, paraíso, o instante, a jornada, o começo, silêncio, a ideia, o meio, o sono e o sonho, o acaso, a música. As fotografias dialogam com o texto, apresentando imagens de pássaros que voam sobre a cidade, projetando um futuro a partir do agora.

A seguir, Francesco Napoli apresenta o texto O futuro é daqui a um segundo, sobre as ações realizadas pelo autor junto ao coletivo nMUNDO, no festival Durante realizado em 2021, em uma homenagem/referência ao conjunto de situações artísticas propostas por Frederico Moraes no evento Do corpo à Terra, que ocorreu em Belo Horizonte, no ano de 1970. Partindo desta aproximação entre duas épocas é feita uma reflexão sobre o nosso tempo e suas perspectivas de futuro, por meio das propostas artísticas desenvolvidas por Napoli e também pelos artistas e pesquisadores participantes da décima primeira edição do Durante.

A entrevista de Frederico Morais à Yacy-Ara Froner e Stefania Paiva para o festival Durante, com a participação de Marília Andrés e Francesco Napoli, aborda Do corpo à Terra e Objeto e Participação: cinquenta anos depois. Morais discorre sobre o processo de idealização e realização desses eventos, e sobre o circuito alternativo das artes durante a ditadura civil-militar no Brasil, comentando, finalmente, o evento visto em retrospecto, cinquenta anos depois da sua realização.

O ensaio *Peso líquido*, apresentado por Fernanda Fernandes, traz um depoimento da artista sobre seu trabalho visual, onde ela reflete sobre nossas relações com a natureza, como nos apropriamos e nos alienamos dela. O texto é acompanhado pelo ensaio visual *Peso líquido*. São trabalhos em grande parte inéditos e frutos de uma produção autoral iniciada em 2012, apresentando uma dimensão poética que dialoga com o momento atual, até por contraposições, e que tem sido ressignificada e ampliada, abrindo-se para novas percepções e questionamentos.

A seção *Memória/História/Patrimônio* tem início com o artigo *Memórias do Museu de Murilo Luiz Gentil de Oliveira*, que apresenta o Acervo de Escritores Mineiros da UFMG como um híbrido de arquivo/biblioteca/museu, onde professores, pesquisadores e estudantes podem realizar suas pesquisas, em vários níveis. Discute a necessidade de uso de espaços como esse e o seu não-uso em épocas como a da pandemia de COVID-19. Reflete sobre o “novo-normal” causado pela pandemia e a transformação da cultura, nesse contexto.

Também o artigo *Bibliotecas e preservação de acervos em tempos de pandemia*, de Wellington Marçal de Carvalho, Diná Marques Pereira Araújo, Angerlândia Rezende e Anália das Graças Gandini Ponteio, focaliza os desafios apresentados pela emergência da COVID-19, a adoção de medidas extraordinárias de distanciamento social e de quarentena, e seu impacto sobre a biblioteca universitária como instituição social. Busca subsidiar uma reflexão sobre a importância de políticas e a consequente implementação de ações planejadas, de preservação, que contribuam para a perenidade de acervos bibliográficos, através da capacitação e preparação dos responsáveis pelas unidades de informação.

O artigo Foto para ser guardada e foto para ser publicada: os entretempos das memórias fotográficas na atuação da Prefeitura de Belo Horizonte, de Suellen Alves de Melo e Daniele Augusta dos Santos Silva, reflete sobre a produção e compartilhamento de documentos fotográficos, como álbuns fotográficos que registraram a COVID-19, pela Prefeitura de Belo Horizonte, no Flickr. Aponta que o conteúdo publicado deve ser tratado como documento pelo Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte, já que a internet é um espaço fluido, cuja preservação a longo prazo das informações ainda é um campo em desenvolvimento.

A seguir, o artigo Mini teatro de óperas e a construção da memória a partir de fragmentos, de Maria Tereza Dantas Moura, Rayssa Sudré Rosado da Costa, Daniel Zuim Mussi e Giulia Alcântara Cavalcante, apresenta e discute uma maquete, o Mini Teatro de Ópera de Carlos José Villar, que reproduz o Theatro Municipal do Rio de Janeiro, com todos os seus elementos, compondo releituras de oito óperas. O trabalho de restauração da obra levantou questões sobre a importância da preservação do patrimônio.

O artigo As reminiscências do Futuro no Passado: uma análise histórica de futuros hipotéticos em Distopias e Ficções Científicas clássicas do século XX, de Lucas Henrique Martins Petronilho, aborda questões históricas do século XX através de uma análise de ficções especulativas publicadas nesse período. Busca uma definição mais específica desse gênero literário, realizando um diálogo com obras de ficção científica e distopias clássicas do século passado. Assim, o objetivo sumário deste trabalho é tentar entender questões sociais e culturais do Passado, pela imagem de possíveis Futuros, frutos de seu período.

A próxima área abordada, Urbanismo, traz o artigo O urbanismo entre a memória e o futuro: da época das grandes esperanças à era das expectativas decrescentes, o que mudou na ideia de planejar a cidade? de Thiago Canettieri, que apresenta o urbanismo como uma prática moderna. A experiência do colapso da modernização conduziu o mundo a uma era de expectativas decrescentes e o artigo discute como tais transformações impactam na prática do urbanismo. Investiga a constituição do urbanismo no interior de uma forma historicamente específica de sociabilidade para, a partir das transformações sociais, especular sobre as (im)possibilidades do “planejar” hoje.

Abordando a mesma temática, O urbano pós-pandemia: ensaio sobre as contradições da produção e apropriação capitalista do espaço sob a crise sanitária da COVID-19

no Brasil, dos autores Higor Carvalho, Marcia Hirata e Carolina Laiate focaliza a crise sanitária e de saúde pública evidenciada pela pandemia de COVID-19 como um esgotamento do modelo de desenvolvimento e de produção do espaço vigente. Propõe repensar esse modelo de produção como condição para conter novas epidemias globais, vislumbrando cenários hipotéticos sobre o futuro de nossas cidades.

A seção sobre Música apresenta o artigo Terra: análise musical de uma peça da música dos trigramas do grupo Uakti, de Alexandre Campos Amaral Andrés, onde o autor apresenta uma análise da música Terra, uma das oito Músicas dos Trigramas que, juntamente com a Dança dos Hexagramas, constitui a trilha para o ballet I Ching. Composto por Marco Antônio Guimarães, junto ao Grupo Uakti, nessa obra o músico desenvolveu uma nova forma de notação musical, além de arranjos, por meio de seus novos instrumentos, que engendraram importantes conexões com o conteúdo filosófico de cada trigrama. O resgate do livro I Ching, presente na sabedoria oriental, é atualizado na música dos trigramas do grupo Uakti, revelando uma nova configuração artística.

A relação entre música e memória é tratada também no artigo Relações entre música e memória na era do streaming: o k-pop como indicador de contextos históricos e sociais, de Laiza Ferreira Kertscher. Por meio deste artigo, a autora busca relacionar estudos sobre a memória com discussões que identificam a música como objeto revelador de traços culturais e políticos. Para evidenciar como esses rastros podem ser lidos em objetos do presente, e para reconhecer a música como um estruturador de memórias sociais, é realizada uma investigação sobre o k-pop, visando desvendar quais sinais de memória podem ser lidos por meio da indústria da música da Coreia do Sul.

A área da Educação é contemplada com dois trabalhos. O ensaio Daqui para o futuro, de André Sales, conecta tendências prefigurativas dos movimentos sociais contemporâneos com empreendimentos ousados feito no Vale do Silício para prototipar o futuro da Educação. Através de uma teoria do desenvolvimento humano que aposta na dimensão colectividual da agência das pessoas sobre o mundo, o autor convida o leitor a reconhecer e a se reapropriar da sua capacidade de inventar a si mesmo e ao mundo.

Concluindo este número da Revista, no artigo Um conjunto de ações e situações de aprendizagem na comunidade de Itatiaia – MG, Bárbara Tavares investiga um conjunto de ações e situações de aprendizagem fora da educação formal, a partir da Abor-

dagem Triangular (Ana Mae Barbosa), das ideias sobre biograficidade (Paulo Freire) e da proposta de artesanaria das práticas (Boaventura S. Santos), entre outros. Conclui que as experiências realizadas configuram soluções à produção de conhecimentos situados e engajados com contextos de vida em tempos de crise, projetando e iluminando um futuro ao mesmo tempo global e local.

Convidamos os leitores a compartilhar conosco as diferentes perspectivas de abordagem das memórias do futuro e desejamos uma boa leitura.

Referências

ASSMANN, A. Canon and Archive. In ERLI, Astrid; NÜNNING, Ansgar (Ed). Cultural Memory Studies. An International and Interdisciplinary Handbook. Berlin, New York: W de G, 2008.

TAYLOR, Diana. O arquivo e o repertório. Performance e memória cultural nas Américas. Belo Horizonte, UFMG, 2013.

GUERREIRXS

GUARANI
KAIOWA

VENCEM LUTA POR
SUA TERRA ANCES-
TRAL.

2024



MEMORIES OF THE FUTURE

Society is going through a challenging moment, with hardships brought about by the emergence of COVID-19 and the issues this pandemic has raised. This is not, however, the only topic that has been calling our attention and changing our habits, customs, beliefs, and affecting even the projects we have been dedicating ourselves for longer. Other factors are also involved, such as political, cultural, economic, and social changes that have challenged society, forcing it to seek new strategies and reinvent itself. The growing importance of technologies in our lives was without a doubt even more prominent due to the need for social distancing, in addition to other elements such as our immersion in social networks, the dissemination of fake news, the challenges brought about by artificial intelligence research, questions about ethnicity, gender and religion, and environmental problems. Political, social, and economic analysis predict a highly uncertain future not only in the local level, but worldwide, indicating the actual possibility of a dystopic future.

We have even witnessed the emergence of wars, such as the recent invasion of Ukraine by Russia, which shows that the current period is one of fear and instability. How can we remain unmoved as we watch, daily, live broadcasts of tragedies such as the exodus of the Ukrainian population and the extermination of innocent civilians, in addition to the disfigurement of cities such as Kiev, known for its religious architecture, century-old monuments, and history museums?

This makes one reflect on whether humanity may even be leaving (perhaps it has already left) the Holocene and whether it is now entering (perhaps it has already entered) a new age — the Anthropocene, where humans replace nature, which had been the dominant environmental force on Earth, with “human constructions”. These issues also make us wonder about what we can expect from the future, and how will

humanity go forth with so many challenges ahead of it.

In art, for example, we have seen artists that respond to this with propositions similar to “prophesies”, which address political, cultural, economic, and social changes that they, the artists, would like to see implemented, even if these are only the product of their desire — a form to project this on the future.

As we proposed, for this number of the UFMG Journal, the topic *Memories from the Future*, we invited authors to reflect and present some form of prospection into the future of many sectors of life that have been directly affected by all that has been taking place. The issues involved go from the daily life of people, new ways to deal with work and leisure, study, human interaction, survivability, art, and culture.

As we consider the complexity of the world we are in, we can think of the future as if we were seeing it in retrospect, that is, as if we were in the future, looking back. This is an approach of memory from a cultural standpoint and should not be understood as a pathological fixation on the past, but as a backup, as a baggage needed for society to build its future, that is, a memory that has been critically evaluated. So to speak, cultural memory is always looking towards the future, remembering forwards (ASSMANN, A. *Canon and Archive*. In ERLI; NÜNNING, 2008).

This issue of the UFMG Journal is, therefore, the result of a proposal for all to reflect on the future using past narratives, since “memory works in the here and now” as a “timeline between past and future” (TAYLOR, 2013, p. 129). The different perspectives presented here take many forms: they can be optimistic, hopeful, or, just the opposite, uncertain, pessimistic, showing happiness or sadness, or even all these simultaneously, since human emotions are not mutually exclusive.

We have challenged you to think, to write, to express yourself from this new perspective, with various proposals capable of reflecting on the possibility of creating different futures. We received many different responses. We present, below, the different approaches to the topic we received, from many points of view, addressing the following topics: philosophy/utopia; art/image; memory/history/heritage; urbanism; music; and education. These are, then, articles that comprehend a broad range of proposals, in accordance with the inter- and transdisciplinary nature of the UFMG Journal.

We would like to thank the participation of the authors who are part of this issue of the Journal, and, with their images and texts, contributed for the broad perspectives

shown here, especially the following guest participants: João Antônio de Paula, Maurício Andrés Ribeiro, João Diniz, Francesco Napoli, Yacy-Ara Froner, Stefania Paiva, Frederico Morais and the artists Fernanda Fernandes, Randolpho Lamonier, Sara Não Tem Nome, h. henras and Daniel Protzner. We would also like to thank the reviewers, who contributed greatly for the Journal to reach this result.

The section Philosophy/Utopia starts with an article by João Antônio de Paula, *A Memory from the Future*, where the author proposes a discussion on whether there will be a future, based on David Hume's empiricism. The article speculates on the historical-social determinants of the current global tragedy, providing an alternative, hopeful, and critical response through a rereading of Marxism.

Then, Maurício Andrés Ribeiro presents us with a piece of fiction, *Six Scenarios for the Great Transition Between Eras*. A text which will be written in 2119 describes how the world would have evolved from the 2019 pandemic on, showing the great transition that took place ever since, as well as the human mutations that took place in the period. He proposes six settings that would have been traversed up to that point: the echozoic, technozoic, chosmozoic, subjective, noologic, and spiritual eras.

Afterwards, in *The Future of Death and Biopotency*, Andityas Soares de Moura Costa Matos reflects on the meaning of death from a biopolitical perspective, suggesting some changes in the regime of contemporary perception which could be experienced in the future as a "privatization of death". The idea of biopotency is proposed in the article to reconfigure our forms of life, avoiding the unprecedented disaster caused by the sequestration of death by neoliberal discourse and economic practices.

In the essay *Epistemology of the Pandemic - 21st century: the End of Sleep and the Intensification of Fascism*, Fernando Lionel Quiroga reflects on the future of contemporary societies starting with the COVID-19 pandemic. He develops an epistemology of the pandemic from its hyperconnected character and the pressure to perform, indicating its social consequences such as the collapse of sleep as a constitutive element of culture and civilization. Finally, he proposes the hypothesis that there is a fine line between the end of sleep and the recrudescence of fascism.

In *Future, Having Been, and Actuality: Temporality as a Fundamental Sign of Possibility in the Horizon of the Pandemic*, Antônio Lúcio Túlio de Oliveira Barbosa reflects on the future in the contemporary horizon as brought down by the coronavirus, and, from the phenomenological-existential description of Martin Heidegger in

his work *Being and Time*. Barbosa reflects on the becoming of men, reassuming, then, the having-been in the recent temporality of Brazilian social-economic history, proposing that the future requires removing the obstructing layers deposited by thoughtless past discourse.

The section *Art/Images* introduces the essay formed by text and photographs by João Diniz, *FUTUROGRAPHY* diary of the future, where the author reflects, in the form a journal on the pandemic, about several topics, including time, space, nature, wait, the other, fire/air/earth/water/sun, darkness/absence/void, paradise, the instant, the journey, the beginning, the silence, the idea, the environment, the sleep and the dream, the happenstance, and the music. The photographs dialog with the text, presenting images of birds flying over the city and projecting a future based on now.

Then, Francesco Napoli presents the text *Future Starts in One Second*, about the actions the author and the collective nMUnDO in the *Durante* festival, carried out in 2021 as a homage/reference to the set of artistic situations proposed by Frederico Morais in the event *From Body to Earth*, that took place in Belo Horizonte in 1970. Starting with this approximation between two periods, a reflection is created about our time and its future perspectives through the artistic proposals developed by Napoli and by artists and researchers who were part of the eleventh edition of *Durante*.

Then, we present the interview provided by Frederico Morais to Yacy-Ara Froner and Stefania Paiva to the *Durante* festival, which counted on the participation of Marília Andrés and Francesco Napoli and addresses *From Body to Earth* and *Object and Participation: Fifty Years Later*. Morais talks about the process of idealization and execution of these events and the alternative circuit of arts during the civil-military dictatorship in Brazil, commenting, lastly, on the event as seen in retrospect, fifty years after its performance.

The essay *Liquid Weight*, by Fernanda Fernandes, is a statement from the artist about her visual work, where she reflects on our relationship with nature and how we appropriate it and become alienated from it. The text is coupled with the visual essay *Liquid Weight*. Many of these works are previously unpublished and were born from a production the author started in 2012, with a poetic dimension that dialogs with current times, even, sometimes, through contrapositions. They have been resignified and their scope broadened, opening space for new perceptions and questions to emer-

ge.

The section Memory/History/Heritage starts with the article Museum Memories, by Murilo Luiz Gentil de Oliveira, who presents the UFMG Collection of Minas Gerais Writers as a hybrid of archive/library/museum, where professors, researchers, and students can carry out their researches in many levels. It discusses the need to use spaces as this and the fact they cannot be used in times such as that of the COVID-19 pandemic. It reflects on the “new normal” caused by the pandemic and the transformation of culture in this context.

The article Libraries and the Preservation of Collections in Times of Pandemic, by Wellington Marçal de Carvalho, Diná Marques Pereira Araújo, Angerlândia Rezende, and Anália das Graças Gandini Ponteio focuses on challenges presented by the COVID-19 emergency, the adoption of extraordinary measures of social distancing and quarantine, and its impact on the university library as a social institution. It seeks to provide a reflection about the importance of public policies and the later implementation of planned preservation actions that can contribute for the perpetuity of bibliographic collections through the training and preparation of those responsible for information units.

The article Pictures to Save and Pictures to Publish: The Time Between Photographic Memories in the Actions of the Belo Horizonte Municipal Administration, Suellen Alves de Melo and Daniele Augusta dos Santos Silva reflects on the production and sharing of photographic documents, such as photographic albums that registered the times of COVID-19, by the Belo Horizonte municipal administration, on Flickr. It points out that the content to be published must be treated as a document by the Public Archives of the City of Belo Horizonte, since the Internet is a fluid space where long-term preservation of information is still a developing field.

Subsequently, the article Mini-Theater of Operas and the Construction of Memory from Fragments, by Maria Tereza Dantas Moura, Rayssa Sudré Rosado da Costa, Daniel Zuim Mussi, and Giulia Alcântara Cavalcante presents and discusses a model of the Carlos José Villar Mini Opera Theater, which reproduces the Rio de Janeiro Municipal Theater, with all its elements, composing reinterpretations of eight operas. The restoration of the works raised questions about the importance of preserving heritage.

The article *Future Reminiscence in the Past: A Historical Analysis of Hypothetical Futures in Classical Dystopias and Science Fiction from the 20th Century*, by Lucas Henrique Martins Petronilho, addresses historical issues from the 20th century through the analysis of speculative fiction published in this period. It seeks a more specific definition of this literary genre in a dialog with scientific fiction and classical dystopias from last century. The work aims to try and understand social and cultural issues from the Past through images of potential Futures, created in that period.

The next field addressed, Urbanism, includes the article *Urbanism, Between Memory and Future: From the Time of Greatest Hopes to the Time of Lowering Expectations, What Changed in City Planning Ideas?*, by Thiago Canettieri, who presents urbanisms as a modern practice. The collapse of modernization brought the world to an era of decreasing expectations, and the article discusses how these transformations impact on the practice of urbanism. It investigates the constitution of urbanism within a historically specific form of sociability to, using social transformation, speculate about the (im)possibility of “planning”, today.

Addressing the same topic, in *The Post-Pandemic Urban: An Essay on the Contradictions of Capitalist Production and Appropriation of Space During the Sanitary Crisis of COVID-19 in Brazil*, from the authors Higor Carvalho, Marcia Hirata and Carolina Laiate, is focused on the public health crisis brought forth by the COVID-19 pandemic as an exhaustion of the current space development and production model. It proposes that it is essential to reconsider this production model to contain further global epidemics, with a glimpse towards hypothetical scenarios about the future of our cities.

The section about Music includes the article *Earth: a Musical Analysis of a Piece of Trigram Music by the Uakti Group*, by Alexandre Campos Amaral Andrés, where the author presents an analysis of the song *Earth*, one of the eight Trigram Songs that, together with the Hexagram Dance, forms the soundtrack of the *I Ching* ballet. Composed by Marco Antônio Guimarães and the Uakti Group, this work saw the musician develop a new musical notation, in addition to arrangements, using new instruments that engender important connections with the philosophical content of each trigram. The book *I Ching*, a relevant part of Eastern knowledge, is recovered and updated in the trigram music by the Uakti group, showing a new artistic configuration.

The relationship between music and memory is also discussed in the article *Relationship between Music and Memory in the Time of Streaming: K-Pop as Indicative of Social and Historical Contexts*, by Laiza Ferreira Kertscher. Through this article, the author seeks to relate studies about memory with discussions about music as an object that can unveil multicultural and political traits. To show how these signals can be read in present-day objects, and recognize music as something that structures social memories, she investigates K-Pop, to discover which memory signs can be read through the South-Korean music industry.

The field of Education includes two works. The essay *From Here into the Future* connects tendencies that prefigure contemporary social movements with daring enterprises carried out in Silicon Valley to prototype the future of Education. Using a theory of human development that bets on the collective dimensions of people agency over the world, the author invites readers to recognize themselves and reappropriate their ability to reinvent themselves and the world.

Concluding this issue of the Journal, in the article *A Set of Learning Actions and Situations in the Community of Itatiaia - MG*, Bárbara Tavares investigates a set of learning actions and situations outside formal education, based on the Triangular Approach (Ana Mae Barbosa), of ideas on biographicity (Paulo Freire) and the proposal of artisanal practices (Boaventura S. Santos), among others. She concludes that the experiences carried out are solutions to the production of knowledge that is situated and engaged in contexts of life in times of crisis, projecting and illuminating a future that is simultaneously global and local.

We invite our readers to share with us these different perspectives of approaching memories of the future and we wish you a pleasant reading

References

ASSMANN, A. Canon and Archive. In ERLL, Astrid; NÜNNING, Ansgar (Ed). *Cultural Memory Studies. An International and Interdisciplinary Handbook*. Berlin, New York: W de G, 2008.

TAYLOR, Diana. *O arquivo e o repertório. Performance e memória cultural nas Américas*. Belo Horizonte, UFMG, 2013.